
Do dialogismo e da heterogeneidade: a constituição do discurso messiânico do sertanejo na cultura popular

Jorge França de Farias Junior

Doutor em Linguística – IEL, Unicamp / UCLA;
Professor do Departamento de Educação – Uninove
São Paulo – SP [Brasil]
jorge_jr_99@yahoo.com

Neste estudo, demonstra-se como ocorre o processo de heterogeneidade discursiva da letra de música *Profecia (ou Testamento da ira)*¹, interpretada pelo grupo cênico-musical Cordel do Fogo Encantado (CFE). É interessante verificar como o grupo do Sertão de Pernambuco, apresenta a letra por meio de enunciados preferidos por profetas que viveram nessa região, a saber, os profetas Pajé Cauã² e Antônio Conselheiro³. Dessa maneira, o CFE, ao trazer os enunciados desses profetas e suas vozes, constitui seu próprio discurso como sujeito enunciator, evidenciando, assim, uma heterogeneidade discursiva. Para tanto, consideram-se, neste estudo, os trabalhos que procuram entender a relação do sujeito enunciator e seu discurso, como pressuposto, e que é constituído de vários outros discursos que se lhe antepõem.

Palavras-chave: Cultura Popular. Dialogismo. Discurso.
Enunciação. Heterogeneidade.

1 Um olhar sobre a enunciação

Para atingir o objetivo deste estudo, recorreu-se principalmente aos pontos de vista desenvolvidos por Bakhtin (1992 e 1997) e Authier-Revuz (1990 e 1998). No entanto também foram considerados os argumentos de Pêcheux (1997) como aspectos gerais da teoria da argumentação utilizados para fundamentar essa heterogeneidade e verificar como as diferentes vozes se apresentam no interior da materialidade discursiva.

Segundo a perspectiva teórica de Pêcheux (1997, p. 53),

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...] Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Diante disso, o sujeito, denominado por Pêcheux (1997) de “forma sujeito”, não é intencional, não é fonte de seu dizer e sua ação é direcionada pela ideologia. Para ele, o sujeito tem a ilusão de ser a origem e de exercer controle sobre o seu dizer. Essa ilusão está intrinsecamente ligada a dois esquecimentos: o sujeito esquece que retoma sentidos já existentes e que o sentido que imprime ao seu discurso pode ser outro. Portanto, o sujeito deixa de ser a origem, a fonte produtora do sentido e passa a ser reproduzido por um sujeito por meio de certas condições de produção, construído por meio das formações discursivas em que aquele sujeito transita, a partir de sua identificação como sujeito.

É interessante, aqui, ressaltar o estudo de Jaqueline Authier-Revuz (1990, p. 25), em seu artigo “Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)”, ao tratar dessa questão nos vários discursos como a “heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso”. A autora, em seu texto, parte de dois pontos de ancoragem para realização de seus estudos: (i) o discurso como produto de um interdiscurso, ou seja, os discursos que se fundamentam na noção bakhtiniana de dialogismo; e, (ii) a relação do sujeito com a linguagem observada por Freud, que considerou em sua observação, o inconsciente, e tratada mais tarde por Lacan. Com base nesses dados, pode-se afirmar, segundo a autora, uma “heterogeneidade constitutiva de todo o discurso”. Para Authier-Revuz, há um grande número de estudos referentes a esse tema, tendo como base o “[...] discurso relatado (direto, indireto e o livre), aspas, itálicos, citações, alusões, ironia, pastiche, estereótipo, pressuposição, pré-construtos, enunciados divididos, palavras ‘argumentativas’[...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25) e como isso pode contribuir para o estudo da enunciação.

De acordo com Bakhtin (1997), a enunciação é um produto da interação de indivíduos socialmente organizados. Parte da noção de língua como um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. Nessa perspectiva, considera toda palavra produto da interação locutor-ouvinte, escritor-leitor. Percebe-se, nesse processo de intenso dialogismo, que o sujeito-enunciador não se constrói ou efetua a atividade discursiva isoladamente. Tais operações são conjuntas e estão processualmente inter-relacionadas.

Considerar que todo discurso é tecido pelo discurso do outro, com o pressuposto de que a interdiscursividade é constitutiva de todo discurso, remete-nos à reflexão da gênese discursiva. Nesse

sentido, enunciar é situar-se sempre em relação a algo dito e que se constitui no outro do discurso. Portanto, não é possível existir um discurso autofundado de origem absoluta, mas, sim, um que dialoga com outros.

Dessa maneira, levando-se em consideração que esse discurso se estabelece no texto escrito, verifica-se um aspecto de relevância para esse estudo: a escolha que um enunciador faz de determinado recurso textual ou gramatical (sintático, semântico ou lexical) está também ligado ao problema das imagens nos recursos da língua. Não basta, portanto, projetar imagens apenas dos protagonistas e do referente, ou ainda agregar a natureza do ato da fala do enunciador e do que se visa provocar no interlocutor. É preciso incorporar as imagens que o enunciador projeta nos recursos expressivos que a língua põe à sua disposição, não só em termos de sua potencialidade para gerar esse ou aquele efeito de sentido, mas também para veicular esse ou aquele valor social. Esse valor social condiz com o modo como Bakhtin (1992) compara a linguagem com o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, ou seja, segundo o ponto de vista do autor, na concepção marxista, a ideologia é considerada um instrumento de dominação entre classes.

Como, conseqüentemente, a ideologia se manifesta no discurso, a partir de vozes antecedentes, há, de acordo com Althier-Revuz (1990), uma fala que é determinada de fora da vontade do sujeito, de tal modo que este é “mais falado do que fala”, sendo seu discurso fundado na interdiscursividade.

Assim, é na busca pela definição do sujeito na interdiscursividade que será possível encontrar a direção do sentido da enunciação. A análise do discurso, por sua vez, considera que o sentido é construído no processo da interlocução e, portanto, deve ser referido às condições de produção do dis-

curso. Logo, de acordo com Pêcheux (1997), uma palavra, uma expressão ou proposição não têm um sentido que lhes seja próprio, mas que seus sentidos são constitutivos e submetidos pelas condições de produção do discurso, pelos leitores e pela própria materialidade discursiva.

Já Bakhtin (1992) acrescenta que as palavras não carregam consigo “juízos de valor”; e sim carregadas da palavra do outro e abertas à entrada de novos valores. Segundo ele, as palavras dos outros introduzem, nessa abertura, sua própria expressividade, seu juízo de valor que será assimilado e reestruturado.

É interessante considerar que o reconhecimento da heterogeneidade dos textos permite que se estabeleça a relação entre o texto e suas condições de produção e que se constitua um espaço de análise histórico-discursiva. Segundo Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade discursiva pode ser apreendida de duas formas: a mostrada, que é a representação que um discurso constrói em si mesmo, a partir de sua relação com o outro, designando, em meio a um conjunto de marcas linguísticas, os pontos de heterogeneidade e a constitutiva, que é a integração e reinterpretação do discurso do outro, num novo discurso, e que não se inscreve linguisticamente no texto.

Dessa forma, a heterogeneidade constitutiva é vista pela autora (1998, p. 27) como a “[...] um centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso”. Nesse sentido, o que a autora propõe é uma abordagem em que se possam explicitar os exteriores que intervêm na descrição e que permitem a inscrição de pontos de incompletude e de falta.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 91), “[...] o falante tende a orientar o seu discurso, com o seu círculo determinante, para o círculo alheio de quem

compreende, estando em relação dialógica com os aspectos deste âmbito.” Isto é, o locutor adentra o âmbito de seu interlocutor e constrói sua enunciação no território de outrem.

2 Para uma análise constitutiva do(s) Outro(s) em: *Profecia (ou Testamento da ira)*

A letra de música *Profecia (ou Testamento da ira)*, que trata da enunciação de uma profecia por parte de um enunciador, representa as vozes de dois profetas presentes na cultura nordestina (Pajé Cauã e Antônio Conselheiro). O processo de construção da heterogeneidade pode ser observado na elaboração da profecia que traz enunciados muito importantes e presentes nessa cultura.

Profecia (ou Testamento da ira)

(1) Salve o povo Xucuru

Na cumeeira da Serra Ororubá o velho profeta já dizia

Uma nova era se abre com duas vibras trançadas

Seca e sangue

Seca e sangue (2)

Herdeiros do novo milênio

Ninguém tem mais dúvidas

O sertão vai virar mar (3)

E o mar sim

Depois de encharcar as mais estreitas veredas

Virará sertão

Antôe tinha razão rebanho da fé (4)

A terra é de todos a terra é de ninguém

Pisarão na terra dele todos os seus

E os documentos dos homens incrédulos

Não resistirão a Sua ira (5)

Filhos do calderão

Herdeiros do fim do mundo

Queimai vossa história tão mal contada (6)

Ah! Joana imaginária

Permita que o Conselheiro

Encoste sua cabeleira

No teu colo de oratórios

Tua saia de rosários

Teu beijo de cera quente

E assim na derradeira lua branca

Quando todos os rios virarem leite

E as barrancas cuscuz de milho

E as estrelas tocadeiras de viola

Caírem uma por uma

Os soldados do rei D. Sebastião

Mostrarão o caminho (7)

Ao analisar esse enunciado, verifico que o enunciador faz alusão, logo de início, à comunidade indígena Xucuru e que o enunciado apresentado, na forma de um discurso indireto livre, marca a presença de um discurso que diz respeito à comunidade citada.

Observa-se que a saudação ao povo Xucuru, “Salve o povo Xucuru”, feita pelo locutor, estabelece esse discurso do “outro”, na medida em que esse enunciado é utilizado pelos indígenas todas as vezes que iniciam seus cantos religiosos. O locutor, ao enunciar essa saudação específica, constitui o povo Xucuru como um dos possíveis enunciadores do discurso a ser proferido e, por-

tanto, de certa maneira, (re)atualiza as crenças e os rituais desse povo.

Logo, o locutor vê-se obrigado, para tornar sua compreensão acessível, a recorrer, pois, às estratégias textuais e lexicais que considera mais próximas de seu destinatário, buscando diminuir as distâncias que, supõe, existam entre os níveis de conhecimento que os separa. Do contrário, definirá outras estratégias, porventura, mais próximas de si do que de seu interlocutor.

(2) Na cumeeira da Serra Ororubá o velho profeta já dizia: Uma nova era se abre com duas vibras trançadas – Seca e sangue, seca e sangue.

Nesse momento, o locutor recorre ao discurso direto ao fazer referência direta ao discurso do profeta Pajé Cauã. A marcação do discurso do “outro” na enunciação efetivada pelo locutor também fica evidenciada pela citação feita na letra da música em que há uma referência à profecia “seca e sangue” como pertencente ao discurso desse profeta.

No primeiro enunciado, o locutor contextualiza o meio físico da comunidade Xucuru: localiza-se na Serra Ororubá. Verifica-se, no segundo, o uso da linguagem figurada, com a metáfora que sinaliza a chegada de uma nova era em que duas serpentes (vibras) estão entrelaçadas, prenunciando tempos difíceis. O(s) profeta(s) que o locutor incorpora, profetiza(m) a seu povo o porvir de uma nova era em que aqueles que não se convertessem dos seus pecados seriam castigados com duas “vibras trançadas”, “seca e sangue / seca e sangue”. Em outras palavras, o locutor assume a tarefa de fazer essa predição para seu interlocutor e consegue porque, ao instaurar a voz enunciativa, reconstrói a tradição de enunciação dessa profecia.

No instante seguinte, o locutor traz a anunciação de outro profeta (Antônio Conselheiro) num discurso indireto livre, como se tivesse a “ilusão”, tomando emprestado a expressão utilizada por Authier-Revuz (1990), de autonomia de seu próprio discurso, como sendo o discurso fundante. Vejamos:

(3) O Sertão vai virar mar/ E o mar sim
/ Depois de encharcar as mais estreitas
veredas / Virará Sertão

O locutor parece incorporar esse discurso, embora mais adiante ele faça alusão ao enunciadador correspondente, evidenciando, assim, o discurso do “outro” como antecedente, ou seja, embora o locutor incorpore a enunciação como constituinte de seu discurso, ele faz questão de mostrar que ela se ancora em um “pré-construído”, como podemos observar no exemplo a seguir.

(4) Antôe tinha razão rebanho da fé

As duas profecias enunciadas (Seca e sangue / Seca e sangue e O Sertão vai virar mar/ E o mar sim / Depois de encharcar as mais estreitas veredas / Virará Sertão) pelos profetas Pajé Cauã e Antônio Conselheiro fazem parte de crenças populares, características do sertão do nordeste, e remetem a práticas religiosas com base no messianismo, fortes e presentes em toda a região.

A palavra, como observa Authier-Revuz (1990, p. 41), torna-se “[...] um lugar compartilhado, onde se confrontam discursos diferentes, portadores de sentidos diferentes para essa palavra.” O discurso profético pretende o monopólio da significação do messianismo ao denegar o outro sentido, no enunciado seguinte, como incompatível com a “realidade” do enunciador:

(5) A terra é de todos a terra é de ninguém / pisarão na terra deles todos os seus / e os documentos dos homens incrédulos / não resistirão a Sua ira (efeito de causa e consequência).

A estratégia consiste em integrar o significante (como para dizer)

(6) Filhos do caldeirão / herdeiros do fim do mundo / queimai vossa história tão mal (contada),

mas esvaziado de seu sentido “outro”, e preenchê-lo com um sentido novo, atual, do “eu” como enunciador de seu discurso. O real da história demandaria a produção de novos sentidos para o messianismo. A “conversão dos pecadores” à crença no “divino”, no discurso do “outro”, como verdade, requer a denegação do discurso do “eu”. É um fato “o fim do mundo” àqueles “que não resistirão a Sua ira”. O sentido de “vossa história tão mal contada”, na contramão da Salvação que o discurso profético reconhece, alude à figura do “Divino” e, conseqüentemente, do “castigo e da dor” para aqueles que não se converterem de seus caminhos “pecaminosos”.

E por fim, o locutor anuncia o paraíso que todos almejam, com todos os prazeres e gozos, como uma espécie de recompensa:

(7) E assim na derradeira lua branca / Quando todos os rios virarem leite / E as barrancas cuscuz de milho / E as estrelas tocadeiras de viola / Caírem uma por uma / Os soldados do rei D. Sebastião / Mostrarão o caminho.

Há apresentação de um personagem histórico, “rei D. Sebastião”, que se transformou em um

ícone do imaginário popular e em um mito que está na base do movimento messiânico, conhecido como sebastianismo⁴, no sertão do Nordeste brasileiro. Essa metáfora sinaliza para a construção do final da profecia: depois da tempestade, a bonança.

Ainda em relação aos enunciados acima, verificam-se algumas paráfrases de trechos da *Bíblia Sagrada*: “E assim na derradeira lua branca” que, por se tratar de uma profecia, faz uma referência ao trecho do Livro do Apocalipse sobre o escurecimento da lua⁵. Os dois enunciados seguintes se referem à profecia bíblica da terra prometida⁶, local de fartura, onde não há fome: “Quando todos os rios virarem leite / E as barrancas cuscuz de milho”. O terceiro enunciado desta enunciação, “E as estrelas tocadeiras de viola / Caírem uma por uma”, remete novamente à profecia apocalíptica, relacionando-se ao momento em que as estrelas caem sobre a terra⁷. Embora os conteúdos da profecia façam referência às profecias bíblicas, a presença dos termos “leite” e “cuscuz de milho”⁸ evoca uma imagem de “paraíso” pré-construída no/pelo cotidiano do sertanejo, relacionada à fartura desses alimentos.

Com relação ao fato de o intérprete parafrasear textos bíblicos, vale retomar que a presença da paráfrase expõe uma tentativa de controle de sentidos. O dizer diferentemente a “mesma” coisa encerra um conflito de identidades em relação ao termo comentado, ou seja, o um sempre pode ser outro, misturando o mau e o bom. Ao descrever o paraíso como recompensa daquela profecia, abrem-se possibilidades de interpretação para o caminho que não é sadio e, por extensão, para o que é sadio. Percebe-se que as coordenadas tempo e espaço da cena enunciativa que se confundem no discurso messiânico, atuam na rotulagem dos sentidos de salvação, recompensa e/ou castigo e condenação. Há uma nova esperança, que está

ao lado do divino. O “pecador” está identificado com essa condenação, esse castigo. Portanto, há “um caminho” que “os soldados de D. Sebastião mostrarão” para aqueles que se converterem, e ele é sadio, desejado e paradisíaco para os seguidores dessa fé, enquanto, àqueles que olham para trás, para os quais os críticos da “fé verdadeira” apontam, resta-lhes somente a “condenação”.

3 Considerações finais

Pelo estudo analítico da letra de música *Profecia (ou Testamento da ira)*, verifica-se que esse discurso profético é constitutivo de uma heterogeneidade que permeia toda a enunciação da profecia, isto é, o discurso messiânico é evidenciado quando o locutor enuncia o(s) discurso(s) dos profetas que marcam o imaginário social da comunidade sertaneja.

Dessa forma, é na linguagem e pela linguagem, espaço de conflito ideológico, que se constituem o enunciador, o destinatário, o referente e, conseqüentemente, surge o texto como resultado da interação dinâmica entre os interlocutores a partir da intertextualidade e da interdiscursividade.

Dialogism and heterogeneity: the establishment of the messianic discourse of the hinterland in popular culture

In this article, it is presented a study about the discursive heterogeneity process of the lyric *Profecia (ou testamento da ira)* [Prophecy (or will of the anger)] performed by the theatrical and musical group Cordel do Fogo Encantado (CFE). It is interesting to see how the group, from

the Pernambuco's hinterland, introduced the lyric through utterances produced by prophets who lived in this area, such as the prophets Pajé Cauã and Antônio Conselheiro. Thus, CFE brings the statements and the voices of the prophets as its own speech, showing a discursive heterogeneity. In this research, the interaction between the performer and the authors' speech are considered, which is constituted of several other speeches.

Key words: Dialogism. Discourse. Heterogeneity. Popular Culture. Utterance.

Notas

- 1 Esse é o título da primeira letra de música do primeiro CD do grupo CFE, lançado pela Rec-Beat Produções Artísticas em 2001 – letra: Lirinha / música: Clayton Barros.
- 2 Segundo Bezerra Maciel (1999), o indígena Pajé Cauã foi considerado por sua comunidade um profeta. Essa comunidade indígena habita a Serra Ororubá, na cidade de Pesqueira, município do sertão de Pernambuco. O Pajé Cauã ficou consagrado profeta por sua profecia que falava de “seca e sangue”.
- 3 Segundo a Enciclopédia Microsoft Encarta (2000), Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido por Antônio Conselheiro, é assim descrito: “Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro e que exerce grande influência no espírito das classes populares”. (Descrição da Folhinha Haemert, de 1877, reproduzida por Euclides da Cunha em *Os sertões*, em 1897).
- 4 Sebastianismo, mito do imaginário português e brasileiro, que, em alguns momentos históricos, concretizou-se em movimentos sociais de caráter messiânico e em atividades políticas. A tradição de um personagem misterioso, de caráter messiânico, aparece na Península Ibérica antes do rei D. Sebastião, na revolta contra Carlos V, na Espanha e em Portugal, nas trovas de Gonçalo Bandarra (c. 1500-c. 1541). Os partidários de D. António, prior do Crato, pretendente derrotado ao trono português, parecem ter sido os responsáveis pela associação entre a crença no retorno

de D. Sebastião e as predições de Bandarra, em torno de 1600. No Brasil, existem registros de manifestações sebastianistas já em 1640, em São Paulo, quando houve resistência ao recrutamento para combater os holandeses. No século XIX, ocorreram em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. As mais importantes delas foram as de Canudos (Bahia, 1897) e do Contestado (Paraná e Santa Catarina, 1911), nas quais apareceram traços sebastianistas na pregação messiânica de líderes que empolgaram a população humilde, iletrada e espoliada do interior, prometendo a solução de seus problemas numa nova era de paz, harmonia e justiça. (cf. Enciclopédia Microsoft Encarta 2000).

- 5 Cf. *Bíblia Sagrada*, na III epístola do apóstolo S. João, no livro de Apocalipse, cap. 6.12.
- 6 Ibid. II livro de Moisés – Êxodo, caps. 3:8 e 33:3.
- 7 Ibid. Apocalipse 6:13.
- 8 Faz parte dos hábitos alimentares dos sertanejos comer cuscuz de milho com leite.

Referências

- ALMEIDA, J. F. (Tradução). *Bíblia Sagrada* – contendo o velho e o novo testamento, edição revista e corrigida. Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, S/D.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, Unicamp, IEL, n. 19, jul./dez. 1990.
- _____. Enunciação e meta-enunciação – Heterogeneidades enunciativas e problemáticas do sujeito. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. São Paulo: Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel M. Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- FARIAS JR, J. F. *Um estudo sobre arte verbal: da performance do Cordel do Fogo Encantado ao ethos da cultura popular no sertão do Moxotó em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Universidade Estadual de Campinas: Unicamp, 2004.
- MACIEL, F. B. *Lampião, seu tempo e seu reinado*. Rio de Janeiro: Vozes Petrópolis, 1980. v. 1.
- MICROSOFT CORPORATION. Enciclopédia Microsoft Encarta © & ®, 2000.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- VASCONCELOS, N. *Profecia (ou Testamento da ira)*. In: Cordel do Fogo Encantado. CD produzido por VASCONCELOS, Naná. Recife: Rec-Beat Produções Artísticas, 2001.

recebido em ago. 2009 / aprovado em set. 2009

Para referenciar este texto:

FARIAS JUNIOR, J. F. de. Do dialogismo e da heterogeneidade: a constituição do discurso messiânico do sertanejo na cultura popular. *Dialogia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 67-74, 2009.